

---

## Bases epistemológicas sobre Telejornalismo de Dados no Brasil<sup>1</sup>

Ester Rocha VALLIM<sup>2</sup>

Marco Aurélio REIS<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

O Jornalismo de Dados teve como seu principal precursor o repórter e professor americano, Philip Meyer, que propôs uma metodologia sistemática para que as redações jornalísticas passassem a utilizar informações quantitativas em seus conteúdos. Apesar de um maior protagonismo nos veículos de comunicação online, o Jornalismo de Dados passou a fazer parte também dos produtos jornalísticos de emissoras de televisão. Levando em consideração esse contexto de mudanças e adaptação, a presente pesquisa pretende mapear a presença de trabalhos acadêmicos envolvendo a temática de Jornalismo de Dados na televisão, propondo um olhar quantitativo sobre teorias, metodologias e objetos das investigações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo de Dados; Telejornalismo; Jornalismo Audiovisual; Pesquisa em TV.

### O JORNALISMO DE DADOS NO BRASIL

Na segunda edição do “*Data Journalism Handbook*”<sup>4</sup> publicada em 2021 pela *Amsterdam University Press* e organizado por Liliana Bounegru e Jonathan Gray, Anderson (2021) afirma que “o Jornalismo de Dados pode muito bem ser a mais poderosa forma de se fazer jornalismo coletivo no mundo hoje”. A constatação introduz um capítulo do livro que destaca a necessidade de se conhecer a história do Jornalismo de Dados para, não só compreender o contexto em que ele está se desenvolvendo hoje, mas também melhorar a rotina diária dos profissionais que atuam na área por meio da compreensão da origem de processos e práticas jornalísticas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: [esterrochavallimm74@gmail.com](mailto:esterrochavallimm74@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor permanente do PPGCOM UFJF, da SEE-MG e substituto da Faculdade de Letras da UFJF. Vice-líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Narrativas Midiáticas e Dialogias. E-mail: [marco.reis@ufjf.br](mailto:marco.reis@ufjf.br).

<sup>4</sup> A versão traduzida para o português denominada “Manual de jornalismo de dados: rumo a uma prática crítica dos dados” foi lançada em novembro de 2021. A edição foi realizada pela Escola de Dados/OKBR, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e o Insper e pode ser acessada por: [http://datajournalismcom.s3.eu-central-1.amazonaws.com/handbooks/The-Data-Journalism-Handbook-2\\_PT.pdf](http://datajournalismcom.s3.eu-central-1.amazonaws.com/handbooks/The-Data-Journalism-Handbook-2_PT.pdf).

---

Por isso, para entender a construção do Jornalismo de Dados no Brasil é necessário olhar para o desenvolvimento desta prática ao redor do mundo mas, principalmente, nos Estados Unidos, país de origem dos precursores na elaboração de coletas e análises de dados estatísticos. Foi em 1960, que o repórter e professor americano Philip Meyer, junto com outros reformistas, se debruçaram sob a filosofia do Jornalismo de Precisão<sup>5</sup> e começaram a tomar a sociologia quantitativa e a ciência política como modelos para o “próximo nível de exatidão e contexto ao qual o jornalismo aspirava” (Anderson, 2021).

Em seu livro intitulado *Apostles of Certainty: Data Journalism and the Politics of Doubt*<sup>6</sup>, o autor identifica três períodos na história dos Estados Unidos que influenciaram diretamente na trajetória do Jornalismo de Dados. A primeira denominada de “Era Progressiva” corresponde ao período de ascensão da política liberal no país e influenciou o pensamento de que o estado e os cidadãos poderiam agir em prol de um mundo mais justo e humano se tivessem conhecimento da situação social por meio de estatísticas disponibilizadas pelos próprios jornalistas. O segundo momento teve como objetivo tornar o jornalismo mais empírico e objetivo, através do uso de técnicas das ciências sociais quantitativas, principalmente, sociologia e ciência política. Um dos recursos utilizados para isso foram os bancos de dados mais acessíveis, além de computadores mais potentes, que permitiam o tratamento de informações mais robustas.

Os primeiros anos da década de 2010 deram início ao terceiro momento identificado por Anderson (2021), que contou com a presença do jornalismo “computacional”, do *big data*, e da “aprendizagem profunda de máquina”. Foi nesse período, que o pensamento de que a objetividade jornalística depende menos de referências externas ganhou força, reforçando a ideia de que a mesma pode vir diretamente de dentro do próprio banco de dados que está sendo utilizado pelo profissional.

Dentro do contexto das redações, os veículos de comunicação tiveram que lidar com transformações nos modos de produção e veiculação da notícia, principalmente diante da ascensão da internet no início da primeira década dos anos 2000 (SILVA,

---

<sup>5</sup> O Jornalismo de Precisão é uma metodologia proposta por Philip Meyer que defendia o emprego de técnicas de pesquisa das ciências sociais e comportamentais na prática jornalística. O professor defendia que eram necessários métodos científicos para coleta e análise de dados, em vez de técnicas literárias para que o jornalismo alcance a objetividade e a verdade.

<sup>6</sup> Tradução em português: Apóstolos da certeza: jornalismo de dados e a política da dúvida.

---

2017). Edna Mello da Silva afirma que “esta conjuntura é consequência do que Ramón Salaverría chama de convergência jornalística”. Salaverría (2003) aponta quatro dimensões da convergência no jornalismo: empresarial, tecnológica, profissional e comunicativa, e afirma que esse fenômeno atinge toda a conjuntura das mídias.

Aliado a isso, o aumento na velocidade do fluxo de informações proporcionado pela internet também impulsionou a necessidade de um remodelamento nas mídias tradicionais (SILVA, 2011). No caso do jornalismo impresso, por exemplo, foi necessário que as empresas investissem em uma reestruturação, através da migração e ampliação do conteúdo para as páginas da internet. Apesar dessas transformações necessárias, o aumento do acesso à internet não fez com que as pessoas deixassem de consumir televisão (BECKER, 2015). Não obstante, a televisão também teve que se adaptar aos novos tempos, buscando manter os esforços para cativar a audiência cada vez mais dispersa e fragmentada (SILVA, 2011).

Philip Meyer, repórter e professor americano, defendeu em seu livro intitulado *Precision Journalism*, a necessidade do emprego de métodos de pesquisa das ciências sociais e comportamentais na prática jornalística. Ele acreditava que eram necessários métodos científicos para coleta e análise de dados, em vez de técnicas literárias para que o jornalismo alcance a objetividade e a verdade. Seu estudo acabou por incentivar o surgimento, nos anos 1990, do termo Reportagem com Auxílio de Computador (RAC), ainda hoje utilizado em fóruns especializados.

No Brasil, o Jornalismo de Dados teve o seu primeiro grande marco em 1991, durante o governo de Fernando Collor de Mello. Na época, o jornalista Mário Rosa, funcionário do Jornal do Brasil, teve acesso ao Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (Siafi) e utilizou as informações disponíveis na plataforma para verificar o superfaturamento na compra de leite em pó pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), organização presidida pela então primeira-dama do Brasil, Rosane Collor.

Mais tarde, em 2012, o Estado de São Paulo se tornou pioneiro no uso do jornalismo guiado por dados na redação. Através do Estadão Dados, coordenado pelo jornalista José Roberto de Toledo, o jornal lançou um dos primeiros aplicativos jornalísticos brasileiros. O Basômetro<sup>7</sup> permitia visualizar o comportamento dos

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://arte.estadao.com.br/politica/basometro/>>. Acesso em: 16 ago, 2023.

---

deputados federais e senadores da República a cada votação de projetos de lei desde o ano de 2003 (TRASEL, 2014). Ainda em 2012, no mês de agosto, o jornal Folha de S. Paulo passou a hospedar o blog FolhaSPDados<sup>8</sup>, que tinha o objetivo de criar visualizações gráficas e mapas relacionados com as matérias publicadas pelo próprio veículo. O jornal ainda passou a hospedar outro blog dedicado a analisar o noticiário a partir de análises de dados, o Afinal de Contas.

Hoje, são inúmeras iniciativas, não só no campo empresarial da comunicação, mas também de instituições sem fins lucrativos que buscam democratizar o acesso aos dados, tanto para profissionais que trabalham com jornalismo, quanto para a população em geral. Um exemplo disso é o “*Data Labe*”<sup>9</sup>, uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que desenvolveu um laboratório para promover amplo acesso ao conhecimento por meio da geração, análise e divulgação de dados com foco em raça, gênero e território a partir do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro.

## **TELEJORNALISMO DE DADOS COMO CAMPO DE PESQUISA**

Da primeira transmissão de televisão no Brasil em 04 de julho de 1950 até os dias de hoje, já se passaram mais de 70 anos. Segundo Silva (2017), é possível afirmar que a televisão e o jornalismo não se apoiam mais nas mesmas práticas sociais de 10, 20 ou 50 anos atrás. O desenvolvimento dos equipamentos técnicos e a mudança de perfil da audiência, por exemplo, fez com que o telejornalismo tivesse a necessidade de rever suas rotinas produtivas e adaptar seus conteúdos a múltiplas telas e múltiplos públicos (SILVA, 2017).

As câmeras utilizadas para captar imagens e sons para fazer entradas ao vivo nos telejornais, por exemplo, se tornaram cada vez mais portáteis. Nesse período, também foi possível a criação de sistemas de geração de TV com o uso de satélites, que proporcionavam maior facilidade e agilidade para os profissionais. Balan (2012), destaca que o telejornalismo ganhou muito com essas mudanças tecnológicas, visto que desde a década de 60 até o início da de 90, uma entrada ao vivo no jornal demandava grandes deslocamentos de equipamentos e profissionais. Com a mobilidade proporcionada pelos novos recursos, o jornalismo teve a oportunidade de “mostrar ao

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://folhaspdados.blogfolha.uol.com.br/>>. Acesso em: 16 ago, 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://datalabe.org/>>. Acesso em: 14 ago, 2023.

---

telespectador qualquer acontecimento, em praticamente qualquer localidade, com agilidade e qualidade.” (BALAN, 2012)

Diante disso, podemos afirmar que os avanços tecnológicos influenciam diretamente no conteúdo e na forma como esse material jornalístico será produzido, afinal, como afirma Silva e Alves (2017), “a televisão e a tecnologia caminham juntas quando se trata de formato e conteúdo”. Essa interação representa ganhos para o jornalismo, mas também não se pode negligenciar as alterações que esse modelo traz e requer do profissional. As formas de se noticiar um determinado acontecimento sofrem mudanças, revelando a necessidade de reorganizar as rotinas produtivas e incorporar novas ferramentas de linguagem no telejornalismo (SILVA, 2011)

Apesar do grande impacto das transformações técnicas nas mudanças do fazer telejornalístico, não se pode negligenciar a influência do movimento da sociedade para que essas alterações aconteçam. Silva 2017 vai destacar que houve um momento em que as informações faladas, sem o recurso de imagens, eram suficientes para levar conhecimento a grupos sociais em mídias audiovisuais como a televisão. Entretanto, neste momento, a produção de imagens cria novas formas de interação com o público e o telejornal, em especial, com o espaço das redes sociais.

O Jornalismo de Dados pode ser visto, nesse contexto, como uma forma de captar a atenção dessa audiência mais dispersa e fragmentada (SILVA, 2011). Essa estratégia foi adotada no telejornalismo brasileiro, principalmente, durante o período da pandemia de Covid-19<sup>10</sup>, onde emissoras de televisão passaram a utilizar diariamente técnicas de coleta, análise e visualização de dados para divulgar informações epidemiológicas sobre a doença, como o número de pessoas infectadas pelo vírus ou pessoas que vieram a óbito após a contaminação. A TV Globo, por exemplo, passou a destinar parte do seu principal telejornal, o Jornal Nacional, para apresentar gráficos elaborados que representassem a situação da pandemia no país e nos estados da federação.

---

<sup>10</sup> Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

---

Um outro exemplo relevante do uso de técnicas do Jornalismo de Dados nos telejornais da TV Globo é o das eleições. Além dos dados dispostos em artes, mapas e gráficos, os apresentadores ainda utilizam um telão interativo que vai sendo atualizado a todo momento, trazendo informações novas e em tempo real de como está a corrida eleitoral no momento, acompanhada de uma análise política dos apresentadores e especialistas. De certa forma, podemos falar que essas inovações ajudam o telejornalismo a superar seu principal desafio que, de acordo com Silva (2011) é se tornar um produto diferenciado dentre os vários formatos informativos que estão disponíveis para o público da atualidade.

A autora ainda avalia que na maioria dos telejornais, as informações visuais como mapas e gráficos passaram a fazer parte do cenário de apresentação, dividindo a cena com os apresentadores no formato ao vivo. Esse aspecto, segundo Silva e Rocha (2010) indica a influência da linguagem da internet no telejornalismo:

Estes elementos na mesma cena dos apresentadores emprestam ao telejornal um caráter de virtualidade, diferente do atributo de realidade que parece ter regido todo espaço cênico do telejornal até então. É como se fossem derrubadas as barreiras entre o real e o virtual, e a construção cênica se tornasse fundida numa realidade construída em função da notícia. A presença destes dois elementos, um real e outro virtual, sintetizam uma busca por uma complementaridade entre os dois sistemas, na busca pela maior inteligibilidade da notícia. (SILVA, 2011)

Squirra (1995) afirma que “é inegável o papel da televisão como dinamizador cultural, formador de opinião e difusor do conhecimento”. E é diante dessa relevância e das mudanças na prática profissional já citadas que se torna necessário fazer do estudo do telejornalismo algo contínuo que possa acompanhar e corresponder aos novos caminhos que estão sendo percorridos no campo comunicacional.

## **MÉTODOS E RESULTADOS**

Por meio desse artigo busca-se compreender o contexto da pesquisa científica acerca do Jornalismo de Dados e do telejornalismo no Brasil. Para isso, será utilizada a técnica metodológica de Análise de Conteúdo, formulada por Bardin (1977), com as seguintes categorias: palavras-chave, bases teóricas, bases metodológicas e objetos analisados.

Para isso, foram analisados três repositórios de trabalhos acadêmicos de diferentes perfis e tipos de publicações: a) plataforma Capes de Teses e Dissertações, b) os acervos dos GTs Estudos de Televisão acessíveis no site da Associação Nacional do Programas de Pós-Graduação, COMPÓS, dos últimos cinco anos, c) anais dos cinco últimos anos do Intercom Nacional, disponíveis no site da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Essas entidades, instituições e periódicos foram escolhidos por reunirem com regularidade o maior número de trabalhos de qualidade sobre o jornalismo televisivo no Brasil.

Foram definidos dois termos relacionados ao universo do tema a ser pesquisado para fundamentar a pesquisa: dados e Jornalismo de Dados. Foi feita uma pré-seleção dos trabalhos científicos nessas plataformas que trabalham com o campo do telejornalismo. Em seguida, uma nova filtragem foi realizada entre os arquivos que apresentaram as palavras-chave pesquisadas. Após essa separação, um outro recorte analisa como os termos são aplicados nos textos pelos pesquisadores e como eles são desenvolvidos no artigo.

## **1ª ANÁLISE - A presença dos termos nas pesquisas**

### **CAPES**

No mês de agosto de 2023 foi feita uma busca no site da CAPES, por meio do Banco de Teses e Dissertações<sup>11</sup>, para quantificar a presença de trabalhos acadêmicos que abordem o Jornalismo de Dados e o Telejornalismo de forma conjunta. Inicialmente, uma filtragem pelos termos “jornalismo de dados” foi realizada, o que resultou no encontro de 21 teses e dissertações. Dessas, dez são dissertações de mestrado e sete teses de doutorado. A pesquisa mais recente apresentada pela plataforma é datada de dezembro de 2022 e a mais antiga de abril de 2015. Em relação ao ano de publicação foram encontrados quatro trabalhos datados de 2022, cinco de 2021, cinco de 2019, quatro de 2016 e um de 2015.

Com esse resultado em mãos, foi feita uma segunda busca a partir do resumo de cada um desses trabalhos dos termos “telejornalismo”, “televisão” e “tv”. Das vinte e

---

<sup>11</sup> Disponível em: <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/). Acesso em: 10 de ago, 2023.

---

uma pesquisas encontradas, em apenas uma foram localizados os termos “tv” e “televisão”. A pesquisa acadêmica em questão, faz uma investigação das estratégias multiplataformas utilizadas pelo projeto #UmaPorUma, do Sistema Jornal do Comercio de Comunicação (SJCC), que mapeia e conta a história das mulheres assassinadas em Pernambuco no período de um ano<sup>12</sup>.

Em todas as outras teses e dissertações não foi possível encontrar a integração entre a temática do Jornalismo de Dados e a do telejornalismo. De vinte e uma pesquisas acadêmicas localizadas, apenas 4,76% trazem em seu conteúdo os dois termos referentes ao uso de dados na televisão.

## COMPÓS

Nos anais do Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) há uma divisão temática dos artigos por Grupos de Trabalho (GT). Como não há um específico para o telejornalismo, a pré-seleção dos artigos de análise considerou os que foram publicados dentro do GT “Estudos de televisão”. As buscas foram feitas a partir das palavras chaves “dados” e “Jornalismo de Dados” dos últimos cinco anais publicados, referente ao 31º Encontro Anual da COMPÓS em 2022 até o 27º em 2018.

Dos 50 artigos publicados, dez por ano, apenas três possuem a palavra “dados” no resumo do trabalho. Entretanto, apesar da presença, apenas um deles será considerado para análise, visto que nos outros dois arquivos o termo “dados” citados pelo pesquisador se refere ao levantamento quantitativo que será feito no próprio trabalho e não necessariamente a uma análise que remeta às técnicas empregadas no Jornalismo de Dados. A expressão “Jornalismo de Dados” não foi localizada em nenhum desses artigos.

## INTERCOM

O mesmo procedimento foi realizado no site da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O último evento com trabalhos publicados é o 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 2022.

---

<sup>12</sup> Disponível em:

<[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popuP=true&id\\_trabalho=8158202](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popuP=true&id_trabalho=8158202)>. Acesso em: 10 de ago, 2023.



---

Inicialmente foi feita uma filtragem por trabalhos pertencentes aos Grupos de Pesquisa (GP) sobre “Estudos de Televisão e Televisualidades” e “Telejornalismo”. Após esse refino inicial, realizamos a busca pelo termo “dados” e “Jornalismo de Dados” no resumo desses trabalhos que estavam disponíveis no site<sup>13</sup>. Apenas um artigo com o primeiro termo foi encontrado entre os 39 publicados nos dois GPs. Destaca-se que alguns artigos apresentaram a palavra “dados” em seu resumo, entretanto, o termo se referia a algo que difere da temática central do conteúdo a ser analisado neste trabalho, que é o Jornalismo de Dados, por isso, esses artigos não serão considerados.

No ano seguinte, 2021, nenhum artigo dos 65 analisados possuíam esses termos. Em 2020, dos 30, apenas um trabalho do GP de Telejornalismo possuía o termo “dados” no resumo e no mesmo ano, dos 41, três artigos foram considerados no GP de televisão e televisualidades. No ano seguinte, dos 46 artigos, os termos chave não foram encontrados em nenhum deles. Em 2018, último ano a ser considerado para análise, foi possível localizar um artigo no GP de telejornalismo, com o termo “jornalismo de dados” entre os 31 e nenhum com esses termos entre os 25 do grupo de estudos de televisão e televisualidades.

Dos 277 artigos analisados, encontrados nos três maiores repositórios de trabalhos acadêmicos do campo da comunicação no País, apenas oito abordam de forma conjunta, o telejornalismo e o Jornalismo de Dados, o que corresponde a 2,88%. Com isso, podemos concluir que apesar dos esforços em incentivar o uso de técnicas de levantamento de dados mais aprimoradas, como as propostas pelo Jornalismo Guiado por Dados, esse tema ainda é pouco explorado academicamente no contexto do telejornalismo.

## **2ª ANÁLISE - Como os termos são aplicados nos textos?**

Após a primeira análise, que fez a filtragem dos termos chave nos artigos apresentados, oito trabalhos foram selecionados, um da CAPES, um da COMPÓS e seis da Intercom. O primeiro é uma Dissertação de Mestrado desenvolvida por Lorena

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/2022-anais>> Acesso em: 14 ago, 2023.

---

Borges de Andrade no ano de 2019, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)<sup>14</sup>. No trabalho, a autora investiga as estratégias multiplataformas de um projeto que mapeia as mulheres assassinadas em Pernambuco, abordando não só as características do Jornalismo Multiplataforma, mas também do Jornalismo Investigativo. São considerados para a pesquisa os materiais sobre o tema publicados em sites, televisão, rádio e impresso.

O segundo artigo escrito por João Carlos Massarolo e Dario Mesquita, da Universidade Federal de São Carlos<sup>15</sup>, aborda a temática dos dados no âmbito da audiência e como essas informações podem trazer interação dos usuários em projetos como o Globotech, que busca acompanhar o processo de transformação digital da televisão brasileira. Outro trabalho de pesquisa publicado nos Anais da Intercom de 2022<sup>16</sup> foi escrito por Edna de Mello Silva, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Ana Paula Goulart de Andrade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Marco Aurelio Reis da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Cláudia Thomé também da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O artigo citado, analisa os elementos do regime de verdade do telejornalismo durante a cobertura da pandemia da Covid-19 e conclui que, entre outros, a dadificação e a humanização dos dados são os conceitos usados para estabelecer o regime de verdade do telejornalismo, no contexto da pandemia.

Na Intercom de 2020, Cristiane Finger e Silvio Barbizan, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)<sup>17</sup>, analisaram de que forma a inteligência artificial está presente no processo de organização de dados, checagem de informações no jornalismo audiovisual a análise foi feita baseado, principalmente, em autores como: Carreira (2017); Russell e Norvig (2013), Serra (2012). No mesmo ano, um outro trabalho também aborda a inteligência artificial e a análises de dados como recursos que abrem perspectivas de transformações também no âmbito da produção audiovisual com o uso de textos autônomos. A pesquisa foi desenvolvida por Ana Silvia

---

<sup>14</sup> Disponível em:

<[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=8158202](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8158202)> Acesso em: 14 ago, 2023.

<sup>15</sup> Disponível em:

<<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/globotech-desafios-da-televisao-brasileira-na-era-do-streaming?lang=pt-br>> Acesso em: 14 ago, 2023.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202222005562f454c7c2aff>>. Acesso em: 14 ago, 2023.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1930-1.pdf>>. Acesso em: 14 ago, 2023.

---

Lopes Davi Médola e Vinícius Laureto de Oliveira da Universidade Estadual Paulista (UNESP)<sup>18</sup>.

Outro artigo escrito por Adam Scheffel, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, faz um estudo de caso sobre como as emissoras de TV estão usando big data para melhorar os resultados e os desafios associados a uma estratégia de dados<sup>19</sup>. O pesquisador afirma que “uma simbiose de dados e mídia parece trazer novas formas de inteligência de negócios para emissoras e influenciar a tomada de decisões, regulamentação e financiamento da indústria cultural”. Além disso, os resultados da pesquisa confirmam, segundo o autor, o que outros pesquisadores destacam sobre como as empresas estão usando novas tecnologias e um modelo de negócios baseado em dados como fonte de vantagem competitiva.

Pesquisadores da Universidade Federal do Ceará (UFC), Milena Szafir e Wilker Paiva, buscam compreender em seu artigo as tele-(audio)visualidades na era da massa de dados (Big Data), nas redes sociais, serviços de streaming e Inteligência Artificial. Em seu trabalho, eles fazem um estado da arte na estética dos dados, mas não aprofundam esse conceito no campo do jornalismo. Por último, o trabalho selecionado da pesquisadora Fabiana Rossi da Rocha Freitas<sup>20</sup>, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fala, a partir da visão de Scolari (2008), sobre hipermediações e busca elencar potencialidades no uso das técnicas do Jornalismo Guiado por Dados (JGD) na perspectiva da Hipertelevisão.

A seguir, o quadro com os artigos catalogados que falam do Jornalismo de Dados no contexto da televisão, com informações do nome do autor, título, ano, anais, teóricos de TV e de telejornalismo citados e objeto de pesquisa.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1153-1.pdf>>. Acesso em: 14 ago, 2023.

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1825-1.pdf>>. Acesso em: 14 ago, 2023.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2187-1.pdf>>. Acesso em 15 ago, 2023.

### Quadro 1 - Pesquisas com contribuições relacionadas ao Jornalismo de Dados e Telejornalismo

Autor	Título e ano	Metodologia	Anais	Teóricos TV	Teóricos Telejornalismo	Objeto
Lorena Borges de Andrade	NÃO FOI POR AMOR: O Jornalismo multiplataforma e investigativo do projeto #UmaPorUma sobre as mulheres assassinadas em Pernambuco'	Análise de Conteúdo	CAPES	Sem referências	Rogério Bazi	Projeto #UmaPorUma do Sistema Jornal do Comercio de Comunicação (SJCC)
João Massarolo e Dario Mesquita	Globotech: desafios da televisão brasileira na era do streaming	Pesquisa exploratória	COMPÓS	Paul Grainge, Catherine Johnson, Gustavo Portela	Igor Sacramento, Ana Paula Ribeiro	Globoplay
Edna de Mello Silva, Ana Paula Goulart de Andrade, Marco Aurelio Reis e Cláudia Thomé	Os elementos do regime de verdade do telejornalismo durante a cobertura da pandemia da Covid-19	Estudo de Caso e Análise da Materialidade Audiovisual	INTERCOM	Eva Pujada	Iluska Coutinho, Cárlica Emerim, Cristiane Finger, Itânia Gomes, Fabiana Piccinin, Igor Sacramento, Ana Paula Ribeiro	Jornal Nacional
Cristiane Finger e Silvio Barbizan	Jornalismo em vídeo gerado por Inteligência Artificial: narrativas e credibilidade	Análise de Conteúdo	INTERCOM	Arlindo Machado	Yvana Fechine	Globo Esporte
Ana Silvia Lopes, Davi Médola e Vinícius Laureto de Oliveira	Audiovisual e Inteligência Artificial: produção de conteúdos em textos autônomos	Semiótica	INTERCOM	Sem referências	Sem referências	Filmes: Titanic e Matrix. Novelas: Espelho da Vida, Verão 90 e O Sétimo Guardião
Adam Scheffel	Como as emissoras de TV estão usando big data para melhorar os resultados e os desafios associados a uma estratégia de dados: um estudo de caso sobre a Globo	Estudo de caso	INTERCOM	Sem referências	Sem referências	Globo

Milena Szafir e Wilker Paiva	Inteligência Artificial entre Morcegos e Golfinhos: A Arte da Montagem em TV BOT (2004-2020)	Análise da montagem	INTERCOM	Arlindo Machado	Sem referências	TV BOT
Fabiana Rossi da Rocha Freitas	Dados e Hipertelevisão: reflexões iniciais	Não especificado	INTERCOM	Joan Ferrés, François Jost, Dominique Wolton	Cárlida Emerim, Cristiane Finger, Águeda Cabral, Yvana Fechine	SPTV, RJTV e Bom Dia RJ

Fonte: Vallim, 2023

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além das mudanças tecnológicas que impactaram diretamente o conteúdo e a forma de fazer telejornalismo, as mudanças sociais, percebidas principalmente no perfil da audiência, também demandaram do profissional o aprimoramento em outras áreas que pudessem satisfazer os novos anseios críticos dos telespectadores. Nesse contexto, influenciado pela imprensa norte-americana, o Jornalismo de Dados colocou-se como um dos meios para que o profissional desenvolva técnicas que permitam com que ele não apenas capte a atenção do público, como também alcance um jornalismo mais objetivo e científico.

Essa forma de fazer jornalismo tem crescido cada vez mais no Brasil. Inicialmente ganhando espaço nas telas dos veículos de comunicação online, com gráficos e mapas interativos e, mais tarde, estando presente também nas emissoras de televisão que passaram a utilizar essa técnica para aprimorar o conteúdo audiovisual. A pandemia de Covid-19 acelerou esse processo, sendo possível perceber uma maior presença das técnicas do Jornalismo de Dados nos telejornais diários da maior emissora de televisão do país.

Apesar desse avanço no âmbito profissional e empresarial, podemos observar, através dos resultados dessa pesquisa, que o meio acadêmico ainda não se aprofundou nessa temática. Nos últimos anos pode-se perceber uma maior presença de artigos científicos que abordam o Jornalismo de Dados, entretanto, quando observado essa temática inserida no contexto da televisão o conteúdo científico ainda é escasso.

Entende-se aqui a necessidade de reverter esse cenário, visto que a televisão tem grande potencial em desenvolver técnicas do Jornalismo de Dados, principalmente aquelas referentes à visualização, já que no que diz respeito ao conteúdo audiovisual, essas empresas já lidam diariamente com gráficos, artes e mapas.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. W. Genealogias do jornalismo de dados. In: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana. Manual de Jornalismo de Dados.

---

BALAN, W. C. Um breve olhar pela evolução da TV no Brasil. Revista Produção Profissional. São Paulo, 2012.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BECKER, Beatriz. Mapeamento das pesquisas em Telejornalismo no Brasil: um estudo da produção acadêmico-científica de 2010 a 2014. Revista FAMECOS, 2015.

**MEYER, P. Periodismo de precision. Barcelona, Bosch, 1993. T**

SILVA, Edna. Entre o Real e o Virtual: Novas Configurações Imagéticas no Telejornalismo. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. Recife, 2011.

SILVA, Edna. Bases Epistemológicas do Telejornalismo: entre a teoria e a prática. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP. São Paulo, 2017.

SILVA, Edna; ALVEZ, Yago. Bases epistemológicas do Telejornalismo Brasileiro: do Telejornalismo Falado ao Telejornalismo Expandido. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. Curitiba, 2017.

TRÄSEL, M. Jornalismo guiado por dados: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker. Periódicos UFSC, 2014.